



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

**DARWIN DE SENA NUNES**

**neoliberalismo e psicologia ; análise dos efeitos do neoliberalismo no homem e na  
psicologia clínica**

**JOÃO PESSOA**

## **DARWIN DE SENA NUNES**

**neoliberalismo e psicologia; análise dos efeitos do neoliberalismo no homem e na  
psicologia clínica**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Faculdade de Psicologia  
da UFPB como requisito básico para a  
conclusão do Curso de Psicologia.

Orientadora: Prof. Dr. Adriano Azevedo  
Gomes de León.

JOÃO PESSOA 2025



## **DARWIN DE SENA NUNES**

### **neoliberalismo e psicologia; análise dos efeitos do neoliberalismo no homem e na psicologia clínica**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado para obtenção do título de  
graduação de Psicologia na Faculdade  
de Psicologia da Universidade Federal  
da Paraíba

Aprovado em:

---

Adriano Azevedo Gomes de Léon (Orientador)

---

(Avaliador)

Prof MsC Rodrigo Tavares de Melo

---

(Avaliador)

Prof MsC Ariel Clayton da Silva

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha família que sustentaram meus estudos e aos meus amigos e homens do passado, os quais sempre cultivaram minha curiosidade e a saber mais, e principalmente à minha namorada, Leticia Fernandes, pois sua companhia foi essencial para a minha formação em psicologia.

## **Resumo**

Esse trabalho de conclusão de curso tem a intenção de evidenciar e analisar os impactos do neoliberalismo no exercício da psicologia clínica, no homem e na própria democracia. Inicialmente é descrita ideologia liberal e sua forma posterior, o neoliberalismo e como essa ideologia ameaça a própria democracia. Segue -se para os impactos do neoliberalismo no exercício da psiquiatria. Define se então a psicologia clínica e são comentados os efeitos da ideologia neoliberal sobre o ser humano e a psicologia clínica, mais especificamente, em sua atividade mais comum, a psicoterapia.

## **Abstract**

This thesis has the intention to highlight and analyze the impacts of neoliberalism over the exercising of clinical psychology, over the man and also over democracy itself. Initially, it is described the liberal ideology and its later form, neoliberalism and how this ideology threatens democracy itself. It follows to the impacts in psychiatry. Then, the work defines clinical psychology and are commented the effects of neoliberal ideology over the man and clinical psychology, more precisely, in its most common activity, psychotherapy.

## SUMÁRIO

### Sumário

Introdução.....	9
O que é liberalismo .....	12
O neoliberalismo .....	14
Como o Liberalismo e o neoliberalismo se Opõem à Democracia .....	16
Sobre a Psiquiatria e a Sociedade Neoliberal .....	18
O que é Psicologia clínica .....	19
Os efeitos do neoliberalismo no ser humano e na psicologia clínica .....	21
Considerações finais .....	25
Referências .....	29



## **Introdução**

A filosofia liberal é produto das grandes transformações sociais que ocorreram a longo dos séculos. Das ideologias do século 20, fascismo, comunismo e liberalismo, O liberalismo foi a única que conseguiu sobreviver até o início de nossa era. Entretanto, assim como o capitalismo, suas implicações na vida dos indivíduos e nas instituições políticas da sociedade moderna e, principalmente, nas ciências humanas ainda não parecem ter sido completamente compreendidas.

### **Objetivos;**

Esse trabalho tem como objetivo elucidar as implicações dessa ideologia tanto no ser humano que habita uma sociedade neoliberal, como no campo da psiquiatria e na psicologia clínica.

### **A metodologia**

A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica de estudos teóricos. Os principais que orientaram essa tese foram; Andrew Heywood, por sua sistemática apresentação da ideologia liberal; o estudos de Cambaúva e Junior os quais discutem como o psiquismo é condicionado pelos elementos históricos que estruturam a sociedade, rompendo com uma visão isolacionista do psiquismo; estudos de Verbicaro, que apresentam a oposição filosófica entre democracia e liberalismo, argumentando que ambos não podem coexistir em uma mesma sociedade; Carl jung, escolhido por sua profunda visão da psicoterapia; Cuellar, por sua análise dos impactos do capitalismo na subjetividade e argumentação de que a sociedade neoliberal possui uma configuração muito atípica , considerando as evidencias antropológicas recentes.

7 tópicos estruturam o trabalho; definição de liberalismo, neoliberalismo, psiquiatria e neoliberalismo, o que é psicologia clínica, como o neoliberalismo se opõe a democracia, os efeitos do neoliberalismo no ser humano e na psicologia clínica e considerações finais.

### **Pontos principais;**

Este trabalho explica os princípios fundamentais da ideologia liberal tal como ela aparece desenvolvida a partir do século 19 na Europa, através da explicação de seus

conceitos basilares; propriedade privada, utilitarismo, darwinismo social e individualismo. busca demonstrar sua relação com o moderno neoliberalismo, a ideologia dominante no século 21. O neoliberalismo reconfigura as teses do liberalismo clássico, enfatizando a responsabilidade individual e a lógica de mercado em todas as esferas da vida. O trabalho busca explicar como o neoliberalismo como ideologia ameaça à democracia; A democracia requer um povo coeso e politicamente ativo, enquanto o neoliberalismo incentiva o individualismo e a competição. A lógica neoliberal fragmenta a sociedade, resultando em uma população apática e desmobilizada. O neoliberalismo legitima a supremacia de interesses econômicos e políticos de uma minoria sobre a vontade da maioria, o que compromete a igualdade política.

Feito isso, o trabalho também analisa os impactos do neoliberalismo na área da psiquiatria; A psiquiatria se transforma em resposta às exigências do neoliberalismo. A abordagem psiquiátrica se torna mais pragmática ao focar em protocolos e diagnósticos em vez de causas sociais. Sob o neoliberalismo, a Psiquiatria desvia o foco do tratamento de doenças e disfunções e serve ao papel de aperfeiçoamento dos corpos e da mente.

Além disso, ao definir a psicologia clínica - elucida como essencial que a psicologia clínica tenha uma base teórica sólida para ser eficaz; A prática clínica deve ser crítica e contextualizada, evitando a superficialidade e o ecletismo – demonstra como essa área da psicologia e seus profissionais sofrem o impacto do neoliberalismo. A psicologia clínica tende a analisar o indivíduo isoladamente, frequentemente ignorando, fatores coletivos e contextuais, o que resulta em uma visão fragmentada do sujeito além de outras razões ao longo do trabalho, além de outros impactos citados ao longo do trabalho.

A tese também explica como essa influência neoliberal se expressa no ser humano que vive numa sociedade com valores e ideias neoliberais; A cultura da performance marginaliza aqueles que não atendem às expectativas, rotulando-os como falhos. O ideal neoliberal de sujeito é inalcançável, contribuindo para o aumento de transtornos como a depressão. O sujeito neoliberal é uma construção artificial, contrária às evidências históricas e antropológicas e sua subjetividade é apresentada como universal e atemporal para sustentar a ordem capitalista. O neoliberalismo é uma construção ideológica que distorce a natureza social do ser humano, promovendo um individualismo antinatural.

A dissertação também propõe que a psicologia deve ser um instrumento de luta contra qualquer forma socioeconômica que limite o desenvolvimento da personalidade. É necessário ampliar o escopo da Psicologia para incluir a libertação social, reconhecendo a interdependência entre processos pessoais e coletivos; O sofrimento psíquico individual está ligado a contextos históricos e sociais, e o neoliberalismo cria condições que favorecem transtornos mentais.

A prática psicológica deve ser crítica e reflexiva; O psicólogo deve desenvolver uma leitura crítica das ideologias para transformar a realidade social. A subjetividade do indivíduo deve ser estruturada de forma crítica para cumprir Tal tarefa, O terapeuta deve ter um repertório vasto nas ciências humanas para entender a experiência do paciente em sua totalidade.

E por fim, tal trabalho conclui que o conhecimento psicológico deve servir para descobrir necessidades comuns e promover a unidade pessoal e coletiva, pois é fundamental que a Psicologia se posicione contra o liberalismo e suas implicações sociais a fim de que também possa proteger o bom exercício da psicologia clínica e da democratização da qualidade de vida e do desenvolvimento pessoal.

## O que é liberalismo

Ao longo da história, o termo *liberalismo* assumiu diversos significados. No entanto, este trabalho não pretende abordar os caminhos históricos de sua definição. O foco está nas principais características da ideologia liberal já consolidada a partir do século XVIII. O *liberalismo clássico* é estruturado a partir de um conjunto de ideias fundamentais: **individualismo**, **propriedade privada**, **direitos naturais**, **utilitarismo**, **darwinismo social** e **liberalismo econômico**, (Heywood, 2010).

### Propriedade Privada

No liberalismo clássico, a propriedade privada é considerada um direito inalienável, defendido de forma absoluta. Parte-se do princípio de que, ao perseguir seus próprios interesses e exercendo sua liberdade plenamente, os indivíduos contribuiriam para o equilíbrio natural do sistema social. Essa dinâmica geraria, em teoria, benefícios tanto para os detentores do capital quanto para os trabalhadores (Rezende et al., 2023).

### Individualismo

O liberalismo promove a centralidade do indivíduo, considerando-o superior a qualquer estrutura coletiva ou grupo social. A sociedade, segundo essa visão, existe para atender às necessidades dos indivíduos. Os liberais enxergam o corpo social como um agregado de pessoas autônomas, cada uma buscando seus próprios interesses. O indivíduo é, portanto, percebido como racional, egoísta e autossuficiente (Heywood, 2010).

Esse pensamento sustenta a ideia de *liberdade negativa*, isto é, a ausência de restrições externas para que cada pessoa possa agir conforme sua própria vontade. A racionalidade humana, por sua vez, seria o elemento que liberta o ser humano das tradições e costumes que limitam seu desenvolvimento (Heywood, 2010).

O liberalismo enfatiza a construção de uma sociedade onde todos desfrutem da liberdade máxima e igualitária, com oportunidades para realizar seus objetivos pessoais. Para os liberais, o que constitui uma “vida boa” não deve ser definido por nenhum agente

externo — cada indivíduo deve ser livre para buscar aquilo que considera valioso (Cambaúva & Junior, 2005).

Assim, o Estado não teria papel central na proteção ou orientação dos indivíduos. Pelo contrário: é a busca por interesses particulares que garantiriam a liberdade individual, pois o sujeito estaria livre da dominação de classes ou governantes. Em um ambiente regido pela competição e pela imprevisibilidade, o futuro de cada um é incerto, mutável e sujeito ao acaso. Ainda assim, acredita-se que todos teriam, em teoria, chances iguais de alcançar o sucesso (Cambaúva & Junior, 2005).

É esse reconhecimento do indivíduo como juiz supremo dos próprios objetivos, é a convicção de que suas ideias deveriam governar lhe, tanto quanto possível, a conduta, que constitui a essência da visão individualista. Neste cenário instável e competitivo, os projetos de vida passam a ser guiados por objetivos de curto prazo, já que a sorte e a incerteza tornam o planejamento de longo prazo mais difícil (Cambaúva & Junior, 2005).

### **Direitos Naturais**

De acordo com a tradição liberal, todo ser humano nasce com direitos naturais — concedidos pela natureza ou por Deus — que não podem ser retirados. Entre esses direitos estão a vida, a liberdade e a busca pela felicidade, como declarado na independência dos Estados Unidos (Heywood, 2010).

Essa concepção pressupõe uma *igualdade formal*, que se expressa em dois âmbitos: político e jurídico. A igualdade jurídica refere-se à aplicação igual das leis a todos, enquanto a igualdade política garante o direito universal ao voto e à participação democrática (Heywood, 2010).

### **Utilitarismo**

Para o utilitarismo, cada indivíduo é o melhor juiz do que o faz feliz. Todas as pessoas, segundo essa visão, utilizam o critério da *utilidade* — ou seja, daquilo que lhes proporciona bem-estar. O Estado, portanto, não deve interferir nem determinar o que seria melhor para cada cidadão. Tanto os indivíduos quanto as instituições devem funcionar com base nesse princípio, visando alcançar o maior bem-estar possível para o maior número de pessoas (Heywood, 2010).

## **Liberalismo Econômico**

No campo econômico, os liberais defendem o *laissez-faire* — ou seja, mínima intervenção estatal nos mercados. Acredita-se que, ao agir livremente em busca do lucro e da maximização de seus próprios interesses, indivíduos naturalmente egoístas e autônomos acabariam gerando benefícios para toda a sociedade. O livre mercado, portanto, seria um mecanismo eficiente de organização econômica e prosperidade geral (Heywood, 2010).

## **Darwinismo Social**

O darwinismo social, associado ao liberalismo, parte da ideia de que o sucesso dos indivíduos na sociedade depende exclusivamente do seu esforço e dedicação. Inspirado na teoria da seleção natural de Charles Darwin, esse pensamento sustenta que, assim como na natureza, na sociedade prevalecem os mais aptos (Heywood, 2010).

Desse modo, as desigualdades sociais e econômicas seriam consequências naturais da meritocracia: aqueles que alcançam riqueza, poder e status o fazem porque trabalharam mais e se dedicaram mais. Assim, as diferenças entre ricos e pobres são vistas como inevitáveis e justificadas (Heywood, 2010).

Sob essa lógica, a competição passa a ser um valor central da vida social. As relações humanas se transformam em relações de mercado, onde o outro é encarado como um rival, e não como um parceiro. A valorização excessiva do sucesso individual e da realização pessoal enfraquece os laços de solidariedade e o senso de coletividade (Rezende et al, 2023).

## **O neoliberalismo**

O neoliberalismo pode ser entendido como uma retomada — e ao mesmo tempo uma reconfiguração — dos princípios centrais do liberalismo clássico. Embora muitas teses do liberalismo original tenham sido revistas e superadas pelos próprios liberais ao longo do tempo, como utilitarismo, darwinismo social, liberdade negativa, o neoliberalismo resgata vários de seus fundamentos, adaptando-os às demandas e contextos do mundo contemporâneo (Dardot & Laval, 2016)

Mais do que uma teoria política ou econômica coesa, o neoliberalismo é um conjunto heterogêneo de práticas e propostas, que combina elementos do liberalismo clássico com traços do conservadorismo e com a lógica do darwinismo social (Yamamoto, 2000). Sua força está justamente na capacidade de se remodelar conforme as transformações sociais, culturais e econômicas de cada época.

No centro dessa ideologia está a figura do indivíduo como único responsável por sua vida. Cada pessoa é vista como capaz — e obrigada — a definir seus próprios objetivos e a competir por eles, mesmo que isso implique prejuízo para os demais. A solidariedade é substituída pela lógica do “cada um por si”, e o sujeito neoliberal deve contar apenas com seus próprios recursos.

Tal como no liberalismo clássico, o neoliberalismo se organiza em torno da ideia de que o mercado é o modelo ideal para organizar não apenas a economia, mas todas as esferas da vida social. Isso significa que as relações interpessoais, as instituições e até os valores individuais passam a ser orientados pela lógica da eficiência, da concorrência e do lucro máximo (Coelho & Neves, 2023). Nesse cenário, tudo — inclusive os afetos, os corpos e as subjetividades — pode ser transformado em mercadoria ou objeto de negociação.

Essa racionalidade neoliberal tem impactos profundos tanto na forma como as pessoas pensam quanto no modo como vivem. Agora, o sujeito é interpelado a apresentar desempenho máximo em todas as áreas da vida: no trabalho, nos estudos, nas relações afetivas, no lazer e até na produção da própria felicidade (Coelho & Neves, 2023). O ideal de vida plena e bem-sucedida é representado pela figura do *atleta de alta performance*, que deve manter um nível constante de excelência, esforço e autossuperação (Souza, 2021).

Uma mudança essencial promovida pelo neoliberalismo é a internalização da lógica de gestão. Antes, o papel de controle e orientação da vida individual era desempenhado por instituições como o Estado ou a Igreja. Agora, essa função é transferida para o próprio sujeito, que se torna responsável por gerenciar a si mesmo, moldando seus pensamentos, comportamentos e emoções segundo padrões de eficiência e produtividade (Coelho & Neves, 2023).

Nesse processo, as antigas formas de dominação externa são substituídas pelas chamadas “técnicas de si”: práticas voltadas à autogestão, baseadas em uma ordem social

internalizada e naturalizada. Conforme argumenta Byung-Chul Han (2018), essa é uma das principais diferenças entre o capitalismo tradicional e o neoliberalismo. Se antes o controle recaía sobre o corpo — exigindo longas jornadas físicas —, agora o foco é a mente. A psique é descoberta como fonte produtiva mais potente e explorável que o próprio corpo.

Essa nova forma de subjetividade neoliberal é alimentada por discursos de autoajuda, meritocracia e empreendedorismo pessoal. A autorresponsabilidade, a motivação individual, a competitividade e a busca constante por aprimoramento tornam-se os pilares dessa nova forma de existência. Não se espera mais o funcionamento médio ou o bom desempenho, mas a excelência contínua. Nesse contexto, o simples aprimoramento não basta: o indivíduo deve estar permanentemente impulsionado a ser “melhor do que ontem”, defendendo um ideal de superação ilimitada (Coelho & Neves, 2023)

## **Como o neoliberalismo se Opõe à Democracia**

A tensão entre o liberalismo e a democracia não é apenas teórica, mas também tem raízes históricas, como aponta Alcântara (2017). No entanto, o objetivo aqui é destacar apenas as contradições filosóficas que marcam a relação entre o liberalismo — especialmente em sua vertente neoliberal — e os princípios fundamentais da democracia.

A democracia, em sua essência, parte da ideia de que o povo constitui uma unidade política organizada, dotada de consciência coletiva de suas necessidades e capaz de agir politicamente de forma coesa. Ou seja, para que a democracia exista de fato, é preciso que o povo se reconheça como um corpo político unificado, com interesses comuns e capacidade de atuação coletiva.

Em contrapartida, o neoliberalismo rompe com essa concepção. Ele prega que o indivíduo deve priorizar seus interesses particulares, independentemente das necessidades coletivas. Dentro dessa lógica, o cidadão é estimulado a se preocupar apenas consigo mesmo, mesmo que isso comprometa a integridade do poder político do povo enquanto coletivo. A ideia de bem comum cede espaço a uma lógica individualista,



marcada pelo hedonismo, narcisismo e apatia social, onde o consumo passa a ser o principal critério de felicidade (Verbicaro, 2021).

Além disso, o neoliberalismo fomenta uma multiplicidade de visões políticas conflitantes, o que contribui para a fragmentação ideológica da sociedade. Em vez de formar um povo politicamente unido, passamos a ter um conjunto disperso de indivíduos com preferências, valores e prioridades divergentes. O resultado é o enfraquecimento da coesão política do povo — ele deixa de ser uma entidade política funcional para se tornar uma massa amorfa, desorganizada e sem direção.

Ao exaltar o individualismo extremo, o liberalismo promove a desintegração da solidariedade social e do senso de pertencimento coletivo. A ênfase no indivíduo, na autossuficiência e na autopreservação sem apoio comunitário mina os laços políticos que a democracia precisa para existir. Em vez de fortalecer a organização da maioria — como propõe a democracia — o liberalismo enfraquece sua capacidade de ação política.

Enquanto a democracia busca garantir igualdade política e jurídica entre os cidadãos, o neoliberalismo, na prática, legitima a supremacia dos interesses de indivíduos ou grupos economicamente poderosos e mais organizados sobre a vontade da maioria. Isso se expressa, por exemplo, na atuação do Estado em favor de grandes empresas, membros de alta burocracia do estado, frequentemente em detrimento do bem-estar da população.

Quando determinados grupos conseguem acumular riqueza de forma desproporcional — muitas vezes por meio do suporte do Estado — ignora-se que essa riqueza é fruto de um esforço coletivo da sociedade. Isso gera um desequilíbrio na distribuição da assistência política, comprometendo o princípio democrático da igualdade. O Estado passa, então, a servir como instrumento de manutenção dos privilégios de poucos, ao invés de ser um agente promotor do bem-estar comum (Verbicaro, 2021).

Nesse cenário, torna-se evidente que o neoliberalismo é inconciliável com uma experiência democrática autêntica. Ele favorece o surgimento de regimes autoritários disfarçados, sustenta uma população politicamente apática, desmobilizada e indiferente ao interesse público. O predomínio da lógica econômica sobre a política gera conformismo e enfraquece o exercício pleno da cidadania. Assim, a política é esvaziada, e a concorrência se torna o único horizonte de vida social (Verbicaro, 2021).

## Sobre a Psiquiatria e a Sociedade Neoliberal

Com a consolidação do modelo neoliberal, a psiquiatria passou por transformações profundas na forma como compreende e lida com os transtornos mentais. A partir da década de 1980, sua abordagem tornou-se fortemente biomédica e comportamental, abandonando em grande parte as discussões sobre as causas dos sofrimentos psíquicos e se voltando para uma lógica mais pragmática. Essa mudança se reflete, por exemplo, na adoção de protocolos baseados em listas de sintomas, como os utilizados pelo *DSM* (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais). Desde então, cada nova edição do manual acrescenta inúmeras categorias diagnósticas, contribuindo para uma crescente patologização das experiências cotidianas (Coelho & Neves, 2023).

O grande marco dessa transformação sob o neoliberalismo é a passagem da função terapêutica tradicional — centrada no cuidado e na cura — para uma lógica de *enhancement*, ou seja, de aprimoramento do desempenho individual. O foco deixa de ser o tratamento de doenças ou a correção de disfunções e passa a se concentrar na melhoria contínua dos corpos e da mente. Um exemplo claro dessa lógica é a popularização da *harmonização facial*, que reflete a ideia de que sempre há algo a ser ajustado ou aperfeiçoado em direção a um ideal estético inatingível (Coelho & Neves, 2023).

Nesse contexto, a psiquiatria torna-se cada vez mais uma ferramenta de suporte à exigência neoliberal por performance. Vai além do cuidado aos que sofrem psicologicamente e passa a oferecer recursos para aumentar a produtividade e a estabilidade emocional até mesmo dos considerados saudáveis. A saúde mental é, assim, incorporada à lógica do desempenho.

Esse movimento tem efeitos decisivos na sociedade: consolida-se a *medicalização da vida*, ou seja, a tendência de entender qualquer desvio da norma como um problema médico a ser corrigido. Conseqüentemente, ocorre uma *patologização da existência*, onde experiências humanas comuns — como tristeza, insegurança ou cansaço — são tratadas como disfunções que precisam de intervenção médica (Coelho & Neves, 2023).

A forma neoliberal de compreender o sofrimento psíquico opera por meio da individualização dos problemas. Se alguém está deprimido, por exemplo, isso é

interpretado como uma falha pessoal, e não como reflexo de uma sociedade adoecida por desigualdades, competição excessiva e isolamento. Os contextos sociais mais amplos são ignorados, e a responsabilidade recai exclusivamente sobre o sujeito (Coelho & Neves, 2023).

Ora, em um mundo onde o valor do indivíduo é medido pelo seu desempenho em todas as áreas da vida; onde os vínculos coletivos foram substituídos pela lógica da competição; onde até as relações afetivas se organizam em torno da eficiência e do retorno emocional; e onde qualquer desconforto emocional pode ser enquadrado em algum diagnóstico — ou sequer é necessário um diagnóstico para se medicar —, torna-se compreensível o apelo por soluções rápidas, como uma “pílula mágica” que apague a ansiedade, o desânimo, a insegurança ou a distração.

Nesse cenário, o diagnóstico passa a oferecer um alívio simbólico ao sofrimento subjetivo. Porém, autores como Coelho & Neves (1997), Rodrigues (2000), Paoliello (2001), Lowenkron (2003) e Monteiro (2004) questionam a suposta “epidemia” de depressão contemporânea. Para esses autores, estaríamos vivendo um *hiper diagnóstico*: o conceito de depressão teria sido banalizado e ampliado a tal ponto que qualquer manifestação de tristeza legítima já seria vista como algo a ser combatido. A tristeza, portanto, deixa de ser compreendida como parte da experiência humana e passa a ser algo intolerável, que precisa ser neutralizado em nome da obrigatoriedade da felicidade (Cambaúva & Junior, 2005). Além disso, a prática psicoterápica também é fortemente afetada por essa ideologia, a qual mina a efetividade do tratamento dos pacientes.

## **O que é Psicologia clínica**

A psicologia clínica é área dedicada ao e compreensão psicodiagnóstico e tratamento do sofrimento psíquico. a principal atividade da psicologia clínica é a psicoterapia, nesse sentido, psicologia clínica e psicoterapia serão utilizados aqui como sinônimos.

A psicoterapia pode ser compreendida de várias maneiras, dependendo do referencial teórico adotado. Essa diversidade de definições reflete a pluralidade de abordagens dentro da própria psicologia. Em uma análise sobre essas diferentes

concepções, Berni (2020) conclui que a psicoterapia pode ser entendida como um "tratamento voltado à correção, restauração, ajustamento ou desenvolvimento". Em outras palavras, ela atua tanto na reparação de algo que foi perdido — como a saúde psíquica — quanto na promoção do crescimento de indivíduos, grupos ou instituições.

Nesse sentido, a psicoterapia busca conduzir o indivíduo de um estado de menor autoconhecimento, bem-estar e capacidade de agir, para uma condição mais desenvolvida, com maior domínio sobre si mesmo e maior autonomia existencial. Trata-se, portanto, de um processo que visa à transformação subjetiva, levando o sujeito a um nível mais elevado de sofisticação emocional, cognitiva e comportamental.

Enquanto a psicologia propriamente dita se dedica ao estudo da psique humana — suas estruturas, necessidades e dinâmicas —, a psicologia clínica representa sua aplicação prática. É o campo da psicologia que se ocupa, diretamente, em auxiliar o sujeito a alcançar um estado mais satisfatório de existência, partindo de uma compreensão profunda do ser humano.

Dessa forma, para que a psicologia clínica seja exercida de forma eficaz, é essencial que esteja sustentada por um referencial teórico sólido, que ofereça uma definição clara sobre quais são as reais necessidades psíquicas do ser humano. Essa base teórica deve, idealmente, apontar para uma compreensão coerente da “forma verdadeira da alma” e das estruturas sociais que melhor favoreçam o florescimento das potencialidades humanas.

Sob essa perspectiva, a psicoterapia tem como missão ampliar o autoconhecimento do indivíduo e, ao mesmo tempo, socializar esse saber, democratizando o acesso à compreensão de si mesmo. A ideia é que, ao se conhecerem melhor, os indivíduos estejam mais preparados para agir de forma consciente, tanto em suas vidas quanto nas relações que constroem com os outros. A psicologia e a psicoterapia estão fortemente comprometidas com os ideais democráticos no momento em que empoderam o indivíduo e grupos; ordenam suas subjetividades a fim de ampliar o impacto na vida de outras pessoas por meio de um tratamento científico das necessidades humanas., assim como o desejo de ajudar eficientemente o maior número possível de pessoas.

Contudo, o que se entende por "crescimento" ou "desenvolvimento" é, em si, motivo de intenso debate dentro da psicologia clínica. A existência de diversas escolas e

correntes teóricas dentro da psicologia faz com que os dados da experiência clínica possam ser interpretados de maneiras muito diferentes — por vezes, até contraditórias entre si (Jung, 2013). Isso gera um risco metodológico importante: a prática clínica pode tornar-se excessivamente subjetiva, especialmente quando os terapeutas se baseiam em múltiplos referenciais de forma superficial ou eclética, sem o devido aprofundamento teórico. A utilização indiscriminada de métodos terapêuticos, sem senso crítico, é perigosa e compromete a seriedade da prática (Jung, 2013).

Esse problema é ainda mais agravado pela influência da ideologia liberal contemporânea, que muitas vezes atua de forma implícita na condução do trabalho clínico. O individualismo exacerbado e a lógica de mercado, próprios do liberalismo, tendem a esvaziar o sentido coletivo e ético da psicoterapia, reduzindo-a a uma ferramenta de "ajuste funcional" do indivíduo aos padrões sociais vigentes. Isso fragiliza a psicoterapia enquanto prática científica transformadora e coloca em xeque sua legitimidade.

## **Os efeitos do neoliberalismo; no ser humano e na psicologia clínica**

### **No ser humano**

De acordo com Figueiredo (1991), na sociedade moldada pelo neoliberalismo, o indivíduo experimenta um tipo de liberdade que é considerada negativa, pois vem acompanhada de desamparo. Em modelos sociais anteriores, o ser humano contava com certo amparo e proteção vindos do Estado e da coletividade (Cambaúva & Júnior, 2005). Já no contexto neoliberal, as pessoas ficam entregues ao acaso, à sorte e às incertezas — elementos frequentemente mencionados na obra de Friedrich Hayek, teórico do neoliberalismo (Cambaúva & Júnior, 2005). Diante de uma realidade tão volátil, os projetos de vida passam a ser organizados a curto prazo, pois o futuro é incerto e marcado pelo imprevisto (Cambaúva & Júnior, 2005).

Segundo Bock (1999) o desenvolvimento do indivíduo ocorre a partir da interação com a cultura e com outros seres humanos. No entanto, a lógica neoliberal defende que o indivíduo se constrói sozinho, bastando a si mesmo para se constituir (Cambaúva & Júnior, 2005).

Conforme Maia (2001), a cultura neoliberal faz com que os indivíduos sejam responsabilizados por não atenderem às exigências desse modelo, como a autossuficiência e uma identidade adaptável. Ainda que essas exigências sejam inalcançáveis, a culpa por não se adequar recai sobre o próprio sujeito (Cambaúva & Junior, 2005). Assim, as pessoas são vistas como culpadas por problemas sociais amplos, como a miséria e as crises econômicas. O fracasso individual é interpretado como falha pessoal na capacidade de enfrentar adversidades (Figueiredo, 1991). No contexto neoliberal, espera-se um sujeito praticamente onipotente e, quando esse padrão não é alcançado, toda a culpa recai sobre ele (Cambaúva & Junior, 2005).

Esse indivíduo, aparentemente livre, na verdade está desamparado. Ele pode fazer escolhas, mas vive sob a constante tensão de que seu destino depende exclusivamente de suas próprias capacidades – como força de vontade, inteligência e determinação. O outro, nesse cenário, é reduzido a um instrumento descartável, útil apenas enquanto serve aos próprios interesses (Cambaúva & Júnior, 2005).

Imersos numa lógica de competição e individualismo extremo – expressa em lemas como “cada um por si” e “vença o melhor” – os indivíduos são levados a confiar apenas em si mesmos. Perdem, assim, os vínculos de apoio que antes existiam: perdem os laços com seus semelhantes, que se tornam obstáculos ao sucesso pessoal, e perdem a presença protetora do Estado, substituído pela lógica impessoal do mercado (Cambaúva & Júnior, 2005).

As relações interpessoais se transformam em meras trocas mercadológicas, nas quais o outro é visto como um concorrente, não como parceiro ou semelhante. A busca pelo desenvolvimento pessoal e sucesso individual corrói o espírito coletivo e a solidariedade, à medida que cada um é incentivado a lutar apenas por seus próprios interesses (Rezende et al, 2023). Contudo, assim como se pode ascender, também é possível cair. E, ao cair, o indivíduo pode mergulhar na miséria sem que haja qualquer preocupação coletiva – algo que, nas sociedades tradicionais, era muito menos provável (Figueiredo, 1991).

Fica evidente que o neoliberalismo promove um sentimento de insatisfação pessoal e existencial. Segundo Guinsberg (2001) e Fenichel (1981), essa insatisfação frente às exigências da vida, que impõem muitos sacrifícios, pode contribuir para o desenvolvimento de quadros depressivos. Já os indivíduos das classes sociais mais

desfavorecidas, que não têm acesso aos bens de consumo valorizados por essa cultura, acabam marginalizados e excluídos da participação plena na sociedade

### **Na Psicologia clínica**

A relação entre a Psicologia e o neoliberalismo é profundamente entrelaçada, e por consequência, também a psicoterapia é fortemente influenciada por essa ideologia. Desde sua origem, a Psicologia esteve conectada com os interesses da sociedade burguesa emergente, servindo como base teórica para compreender e gerir as individualidades que esse modelo social passou a valorizar (Costa & Mendes, 2021). O foco no indivíduo, tão característico da lógica neoliberal, também está presente na Psicoterapia, que frequentemente analisa o ser humano de forma isolada, desconsiderando os impactos mais complexos do ambiente social e coletivo (Costa & Mendes, 2021). Isso leva à separação entre o individual e o social, o íntimo e o público, o interno e o externo — como se fossem domínios independentes, quando na verdade estão profundamente interligados.

Walkerdine (2003) e Parker (2007) criticam a Psicologia por, muitas vezes, reforçar a ideologia neoliberal ao sustentar a imagem de um sujeito autônomo, adaptável, flexível, que suporta sozinho as pressões e instabilidades da vida contemporânea (Cuellar, 2017). A cultura da performance — que exige atenção constante, produtividade máxima, motivação ininterrupta e sucesso contínuo — é apoiada por discursos psicológicos acríticos que incentivam a adaptação, sem questionar os efeitos nocivos dessa exigência. Os que não conseguem atender a essas expectativas são marginalizados, classificados como falhos, desviantes ou até mesmo doentes (Cambaúva & Júnior, 2005).

O resultado é a formação de um sujeito adoecido: voltado para si mesmo, egoísta, narcísico, inseguro nas relações sociais e com pouco ou nenhum sentimento de coletividade (Cuellar, 2017). A Psicologia, ao não se posicionar criticamente diante dessas imposições ideológicas, corre o risco de apenas refletir os valores do neoliberalismo, adotando uma visão descontextualizada e ahistórica do ser humano. Essa perspectiva sustenta que o egoísmo e a competitividade são traços naturais e eternos da condição humana, e que o sistema atual seria a única forma viável de organização social. Ao aceitar isso, a Psicologia pode acabar por naturalizar uma subjetividade que foi, na verdade, construída historicamente.

Além disso, algumas abordagens psicológicas, movidas por exigências mercadológicas, passam a "vender" uma subjetividade formatada conforme os padrões capitalistas. Nesse contexto, o trabalho do psicólogo deixa de ser o de auxiliar na construção autêntica da subjetividade e passa a oferecer produtos psicológicos moldados para o consumo.

O impacto desse sistema de responsabilização extrema do indivíduo é profundo no campo psíquico. O ideal de sujeito exigido pelo neoliberalismo é, segundo Guinsberg (2001) e Maia (2001), inalcançável. Para muitos, especialmente nas classes médias e mais pobres, esse distanciamento entre ideal e realidade contribui para o aumento de transtornos como a depressão. Na classe média, o desejo é insaciável e tudo se torna passageiro, descartável (Cambaúva & Júnior, 2005). A depressão surge como resposta ao desamparo social, à pressão por autossuficiência e ao abandono dos vínculos afetivos. O sujeito é responsabilizado pelas próprias frustrações e fracassos, o que fragiliza sua estrutura psíquica.

Dardot e Laval (2009) mostram que esse sujeito neoliberal, embora se sinta livre, vive submetido a constante vigilância e avaliação de desempenho, convivendo com a instabilidade, a incerteza e a precarização da vida. Isso gera comportamentos destrutivos e amplia o espaço para todo tipo de toxicidade social (Cuellar, 2017).

Outro problema é a indefinição do que seria o "ideal humano" na visão liberal. Embora o discurso fale em pluralidade e liberdade de ser, falta uma concepção clara de desenvolvimento pessoal. Isso gera um problema sério: ao mesmo tempo que o sistema estimula a diversidade de subjetividades, ele mina a atuação do terapeuta ao tornar desnecessária qualquer tentativa de organização interna ou amadurecimento psíquico. Afinal, se todas as formas de ser são válidas e equivalentes, por que alguém deveria buscar mudanças ou desenvolvimento? O próprio campo da psicoterapia perde seu referencial.

Além disso, o neoliberalismo reduz o ser humano a uma única dimensão: aquela do trabalho. As relações, os estudos, as amizades e até os hobbies passam a ser vistos como meios para melhorar a performance profissional ou obter vantagens no mercado. Isso restringe o papel da Psicologia, que deveria promover o crescimento integral da pessoa, considerando seus afetos, vínculos, necessidades e desejos mais profundos. Quando todas essas dimensões são subordinadas à lógica do desempenho e da utilidade, corre-se o risco de produzir formas de subjetividade que adoeçam ou desumanizem os



indivíduos. Além disso, induz o abandono de uma reflexão crítica sobre o que seria um desenvolvimento psíquico mais saudável.

Por fim, o liberalismo, ao afirmar que qualquer modo de ser é válido, limita severamente a Psicologia clínica. Ela fica paralisada em dois problemas centrais: ou se torna uma serva das exigências econômicas e culturais do sistema neoliberal, ou perde seu papel orientador, já que não haveria mais sentido em intervir numa subjetividade considerada automaticamente legítima, qualquer que seja sua forma.

## **Considerações finais**

Segundo Cuellar (2017), o sujeito neoliberal deve ser entendido como uma construção artificial, que contraria amplamente as evidências históricas e antropológicas sobre o modo de vida das sociedades tradicionais. A subjetividade neoliberal não surge de forma espontânea ou natural na história humana, mas é apresentada como se fosse universal e atemporal, justamente para sustentar ideologicamente a ordem capitalista. Já no século XIX, Charles Darwin se opôs às ideias liberais, destacando que características como empatia e sociabilidade fazem parte essencial das formas de convivência humanas. A antropologia com base darwinista também reconhece que as sociedades humanas, em sua essência, sempre foram moldadas por vínculos comunitários e atitudes solidárias. Portanto, o neoliberalismo representa uma ruptura radical com essas formas sociais predominantes, promovendo um modelo baseado na competição constante entre indivíduos isolados pela sobrevivência. Essa lógica competitiva extrema é, segundo Cuellar (2017) profundamente antinatural.

Esse individualismo, central no neoliberalismo, também se reflete na Psicologia. A disciplina frequentemente tende a investigar e interpretar o ser humano a partir de uma ótica centrada no indivíduo isolado, sem dar a devida atenção aos fatores coletivos e contextuais que moldam a experiência humana (Costa & Mendes, 2021). Tal enfoque contribui para uma visão fragmentada do sujeito, separando o individual do social, o privado do público, o interno do externo, obscurecendo a interdependência essencial entre essas dimensões. Essa separação não impacta apenas as áreas econômicas ou políticas, mas afeta também a forma como compreendemos a mente e o próprio conceito de self, levando a uma Psicologia que muitas vezes negligencia a complexidade da experiência

humana (Rezende et al., 2023). Conforme Bock (1999), a Psicologia tende a operar com uma concepção naturalizada do ser humano, o que impede sua compreensão dentro de um contexto histórico (Cambaúva & Júnior, 2005). Além disso, a Psicologia brasileira, ao longo do tempo, tem reproduzido teorias e práticas originadas nos grandes centros capitalistas. Críticos argumentam que essa postura comprometeu o desenvolvimento de uma produção científica mais autônoma e sintonizada com as especificidades do contexto brasileiro (Lacerda Jr., 2013).

Mesmo assim, a Psicologia brasileira não se restringiu unicamente a essas perspectivas; ela também se consolidou como um campo de resistência e contestação, desafiando as estruturas estabelecidas (Lacerda, 2013). Assim, defendemos que a Psicologia pode e deve ser um instrumento de luta contra o neoliberalismo e quaisquer formas socioeconômicas que, através da investigação apropriada, que atrofiem ou limitem o desenvolvimento da personalidade do indivíduo, seja o capitalismo, socialismo ou quaisquer forma de organização social debilitante, em nome, não apenas da cientificidade da psicologia, mas também da qualidade de vida dos indivíduos.

Historicamente centrada na libertação individual, a Psicologia precisa ampliar seu escopo para incluir também a libertação social. Isso requer o reconhecimento da profunda interdependência entre os processos de desalienação pessoal e coletiva, compreendendo que os sofrimentos psíquicos individuais não podem ser dissociados de seus contextos históricos e sociais (Rezende et al, 2023). Em outras palavras, os fatores sociais e históricos não apenas influenciam o funcionamento psíquico, como também contribuem ativamente para o surgimento de transtornos mentais (Cambaúva & Júnior, 2005). O neoliberalismo, por exemplo, não é diretamente responsável por criar quadros de depressão, mas estabelece condições que favorecem seu desenvolvimento e agravamento (Cambaúva & Júnior, 2005).

Assim, só é possível compreender verdadeiramente o indivíduo em sua singularidade ao considerá-lo inserido na totalidade social e histórica que o constitui e dá sentido à sua existência (Cambaúva & Júnior, 2005). A análise das implicações da ideologia neoliberal permite ao psicólogo interpretar a depressão como um fenômeno sintomático de sua época — um reflexo dos modos de vida impostos pelo sistema vigente (Cambaúva & Júnior, 2005).

Nesse sentido, criticar a Psicologia, seja ela estrangeira ou brasileira, não implica rejeitar sua essência, mas sim promover uma reflexão crítica sobre seus limites e potencialidades (Rezende et al, 2023). Compreender o psiquismo humano envolve captar as mediações sociais que o formam. Cabe ao psicólogo, portanto, desenvolver uma leitura crítica das ideologias dominantes, buscando uma prática que favoreça a transformação da realidade social em vez de simplesmente reproduzi-la ou legitimá-la (Cambaúva & Júnior, 2005)

A função do psicólogo transcende as necessidades do estado, sendo as necessidades da alma humana propriamente dita o espaço em que a psicologia se encontra e por isso, pode ser praticada em qualquer sociedade. Contudo, algumas sociedades, a depender da sua estrutura, vão permitir mais espaço ou menos espaço para o desenvolvimento do indivíduo.

O psicólogo, se deseja ajudar seu paciente de forma mais precisa, deve possuir um repertório vasto nas ciências humanas para situar a experiência de seu paciente, pois não se pode entender a psique sem entender o todo, da mesma forma que não se pode curar do corpo doente sem conhecer na totalidade as suas funções (Jung, 2013). Dito isso, a forma sofisticada com que o terapeuta observa a realidade é decisiva para a eficácia do tratamento do paciente pois um terapeuta só pode orientar um paciente até onde ele mesmo conseguiu se orientar. O terapeuta precisa ter solucionado conflitos em si mesmo para que assim possa conduzir o paciente a solução de seus conflitos (Jung, 2013) O psicólogo ,nessa perspectiva precisa ser um médico-filósofo pois, os conflitos humanos apresentados e vivenciados pelos pacientes na clínica assemelham-se em grande parte aos conflitos e questionamentos que produzidos pelas tradições filosóficas e religiosas por milhares de anos (Jung, 2013) É necessário que o psicólogo tenha um pensamento crítico, a fim de que possa ajudar o paciente a ordenar sua personalidade e modo de ser, torna lo mais autoconsciente, autônomo e portanto mais poderoso.

Estruturar a subjetividade de um indivíduo é um processo político; o indivíduo vai interagir de maneira diferente com seus familiares, amigos, ideias e com as próprias instituições políticas. O psicólogo não pode se esquivar desse aspecto de seu trabalho. Além disso, O indivíduo que vai surgir depois da terapia por definição é um indivíduo que precisa ser melhor do que entrou no tratamento clínico. A subjetividade de forma alguma pode estar estruturada de forma e acrítica pelo terapeuta. é necessário que o

psicólogo tenha um repertório diferenciado A fim de que possa alargar o escopo de visão do paciente E direciona lo adequadamente para a melhor versão de si.

Além disso, para que a psicologia se torne decisiva em contribuir com a democracia e do fortalecimento político do povo frente ao estado de maneira usar todo potencial transformador que as instituições democráticas permitem, é preciso estar contra o liberalismo e suas implicações sociais. O conhecimento psicológico deve ser a servir como ferramenta para a descoberta do que há de comum em todos os indivíduos e qual caminho deve ser trilhado para o alcance unidade e pessoal e coletiva, onde o povo se verá como detentor de uma só alma e de necessidades comuns.

## Referências

Berni, L. E. V. (n.d.). PSICOTERAPIA COMO CLÍNICA PSICOLÓGICA: UM CAMPO EM PERMANENTE CONSTRUÇÃO

Cambaúva, L. G., & Junior, M. C. d. S. (2005). Depressão e Neoliberalismo: Constituição da Saúde Mental na Atualidade. *PSICOLOGIA CIÊNCIA E PROFISSÃO*, 4(25), 535-535

Jung, C. G. (2013). *a prática da psicoterapia*. vozes.

Coelho, L., & Neves, T. (2023). Sofrimento psíquico no neoliberalismo e a dimensão política do diagnóstico em saúde mental. *Saúde Soc*, 32,(3). <https://doi.org/DOI.10.1590/S0104-12902023220850pt>

Costa, Pedro Henrique Antunes Da; Mendes, Kíssila Teixeira. A Miséria Da Psicologia Brasileira: subordinação ao capital e colonização-dependência. 2021. v. 16, n. 2, p. 1-17. *Pesquisa e Prática em Psicologia Social*, 2021. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-89082021000200009](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082021000200009) . Acesso em: 16 de abril de 2023

Costa, Pedro Henrique Antunes Da; MENDES, Kíssila Teixeira. *Psicologia*, 60 anos, e a Crítica da Crítica. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 42, p. e262857, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/Td574T5WCMRTzMFxTQKLY7F/>. Acesso em: 16 de abril de 2023

Cuéllar, D. P. (2017). Subjetividad y psicología en el capitalismo neoliberal. *Psicologia Política*, 17, 589-607.

FENICHEL, Otto. *Teoria Psicanalítica das Neuroses*. São Paulo, Rio de Janeiro: Livraria Atheneu, 1981

FIGUEIREDO, Luís Cláudio Mendonça. *Matrizes do Pensamento Psicológico*. Petrópolis: Vozes, 1991a.

\_\_\_\_\_. *Psicologia, uma Introdução: uma Visão Histórica da Psicologia como Ciência*. São Paulo: EDUC,

1991b.

FROMM, Erich. *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*. 9. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979

GUINSBERG, Enrique. *La Salud Mental en el Neoliberalismo*. Referências México: Plaza y Valdes Editores, 2001

HAYEK, Friedrich Auguste. *O Caminho da Servidão*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura. Instituto Liberal, 1987

heywood, A. (2010). *as ideologias políticas, do liberalismo ao fascismo* (4th ed.). ática.

Lacerda Jr., Fernando. Capitalismo dependente e a Psicologia no Brasil: das alternativas à Psicologia Crítica. 2013. *V. 3. P. 216-263. Teoría y Crítica de la Psicología*, 2013. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/riserver/api/core/bitstreams/756662b9-c9cb-415a-b2c0-2a7e03e2b9f4/content>. Acesso em: 15 de setembro de 2023

LOWENKRON, Aurea Maria. Sobre a Clínica Psicanalítica da Atualidade: Novos Sintomas ou Novas Patologias? In **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 37, nº 4. São Paulo: 2003.

MAIA, Marisa Percurso Schargel. Um Tapete Vermelho para a Angústia: Clínica Psicanalítica e Contemporaneidade. In *Revista de Psicanálise*. nº 27, ano XIV. São Paulo: Sedes Sapientiae, 2001.

PAOLIELLO, Gilda. A Depressão no Limiar do Século XXI. In **Temas: Teoria e Prática da Psiquiatria**. v. 31, pp. 60-61. São Paulo: Hospital do Servidor Público Estadual-FMO, 2001

Parker, I. (2007). *La psicología como ideología*. Madrid: Catarata.

Rezende, M. M., de Oliveira, C. P., & Mendes, K. T. (2023). A INFLUÊNCIA DO NEOLIBERALISMO NA PSICOLOGIA BRASILEIRA: DESAFIOS DIANTE DE UMA PRÁXIS LIBERTADORA1 (Publication No. 10) [Master's thesis, Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA)]. SCIELO

RODRIGUES, Maria Josefina Sota Fuentes. O Diagnóstico de Depressão. In **Psicologia USP**, v. 11, nº 1. São Paulo: USP-IP, 2000.

SENNET, Richard. *A Corrosão do Caráter*. Rio de Janeiro: Record, 1999

SOUZA, V. J. A gestão neoliberal do sofrimento no diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). 2021. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de São João del Rei, São João del Rei, 2021.

Walkerdine, V. (2003). Psychology, Postmodernity and Neo-Liberalism. *Journal für Psychologie*, 11(2), p. 126-148.

Verbicaro, L. P. (2021,). Reflexões Acerca das Contradições entre Democracia e Neoliberalismo., *18*,, 27-55. <https://doi.org/10.11117/rdp.v18i97.5115>

Yamamoto, Oswaldo Hajime. A psicologia em movimento: entre o'gattopardismo'e o neoliberalismo. *Psicologia Social*. p. 221-233, 2000